

EXPRESSO ([HTTPS://WWW.NEXOJOURNAL.COM.BR/EXPRESSO/](https://www.nexojournal.com.br/expresso/))

O mapa que mostra como a Amazônia está se tornando uma floresta mais rala

André Cabette Fábio 22 Jun 2017 (atualizado 22/Jun 15h44)

Pequenas queimadas, proximidade com áreas abertas, caça e corte seletivo diminuem a biodiversidade, mesmo onde a mata continua de pé

FOTO: OMER BOZKURT/CREATIVE COMMONS



📷 MESMO ÁREAS QUE CONTINUAM COM FLORESTA PODEM TER A BIODIVERSIDADE REDUZIDA

Com aumento de 30% no ano, o desmatamento da floresta Amazônica chegou a 8.000 quilômetros quadrados (<https://extra.globo.com/noticias/mundo/noruega-alerta-brasil-que-recursos-para-protecao-da-amazonia-estao-em-risco-21502807.html>) em 2016. A retirada da vegetação colabora com a emissão de gases do efeito estufa e diminui drasticamente a biodiversidade.

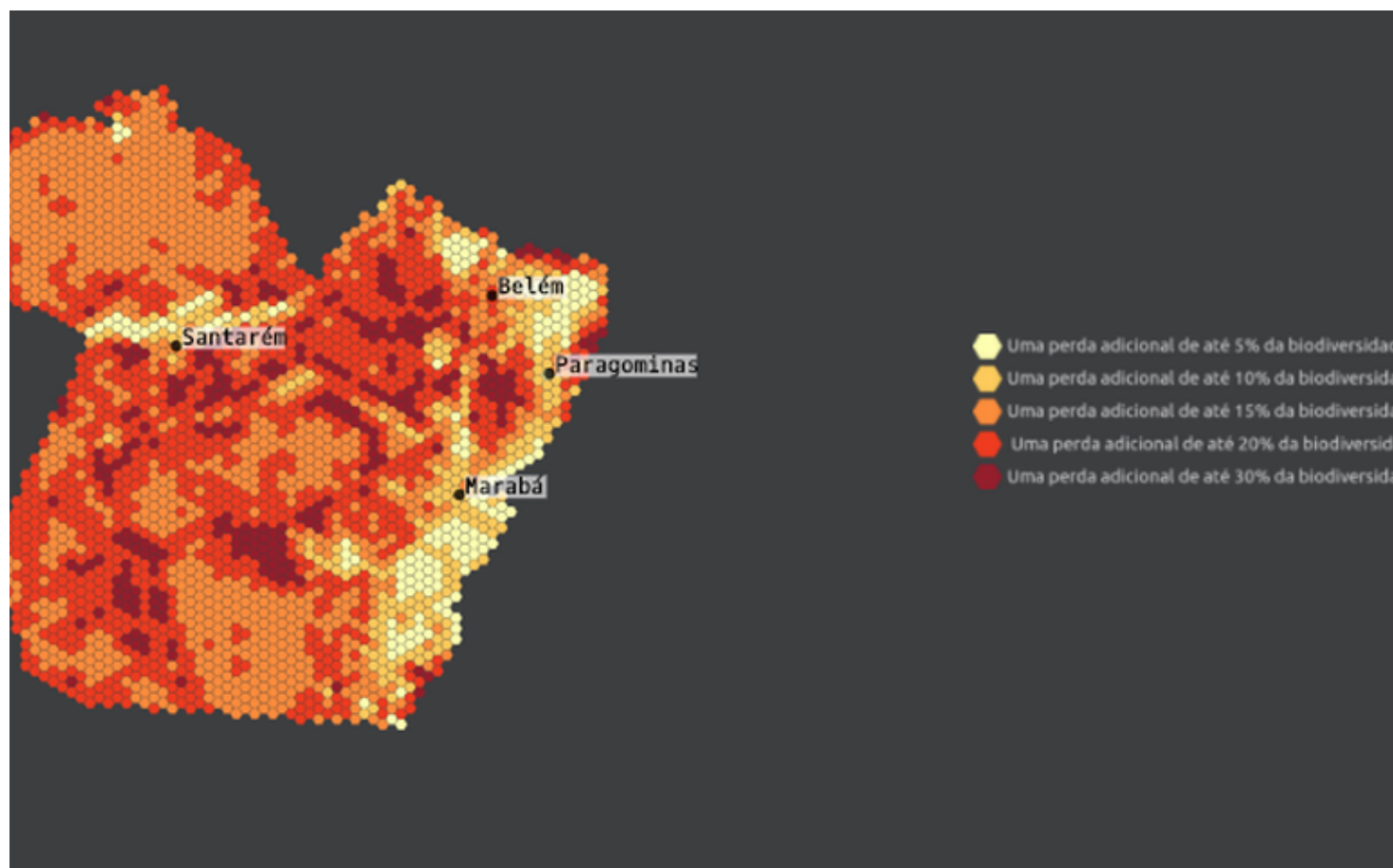
Os dados de desmatamento dizem respeito, no entanto, apenas às áreas que perderam completamente a cobertura vegetal. Logo, eles não captam a degradação da mata pela caça ou por incêndios de pequeno e médio porte, pela exploração seletiva de madeira, pela fragmentação e pela proximidade a áreas abertas.

Há locais que, apesar de não ficarem completamente sem árvores, passam a ter uma floresta mais rala e seca devido a fatores como esses. Como a degradação afeta uma área total maior, seus efeitos negativos são comparáveis aos do desmatamento total. É para esse tipo de problema que a plataforma Floresta Silenciosa (<http://florestasilenciosa.ambiental.media/>) chama atenção.

Lançada na terça-feira (20), ela foi criada pela a startup brasileira de jornalismo Ambiental Media em parceria com a Rede Amazônia Sustentável, que reúne mais de 30 instituições, entre elas Embrapa, Instituto Ambiental de Estocolmo (Suécia) e Universidade de Lancaster (Reino Unido). O foco é no Estado do Pará, que concentra 25% da Amazônia brasileira e enfrenta projetos de redução (<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/06/19/Por-que-Temer-vetou-a-proposta-de-reduzir-a-prote%C3%A7%C3%A3o-de-florestas-no-Par%C3%A1>) de áreas de proteção.

A plataforma traz um mapa dividido em polígonos entre 20 km² a 50 km² que mostra o nível de perda de biodiversidade ocasionado em adição ao desmatamento. Em entrevista concedida ao **Nexo**, a pesquisadora da Embrapa Joice Ferreira explica que os polígonos representam a perda adicional de biodiversidade causada pela degradação, ou seja, aquela que é suplementar à que ocorre apenas pelo desmatamento.

FOTO: REPRODUÇÃO



MAPA DA FLORESTA SILENCIOSA, QUE INDICA A DEGRADAÇÃO

Por exemplo: se um polígono teve desmatamento de 30% de sua área, e não perdeu 30%, mas 50% de sua biodiversidade, isso indica que mesmo as áreas que continuaram com floresta foram afetadas, e ele teve uma perda de biodiversidade de 20 pontos percentuais adicionais.

Por isso, a plataforma serve para defender a ideia de que, além de manter a cobertura florestal, é importante tomar medidas para que a floresta não se torne mais pobre.

A Floresta Silenciosa também inclui outras informações, como um mapa dividido não em pequenos polígonos, mas cinco grandes subdivisões do Estado. Na região do Tapajós, a maior delas, a degradação corresponde por 55% da perda de biodiversidade.



MAPA DA DEGRADAÇÃO DIVIDIDO EM CINCO REGIÕES

Há também um mapa que destaca fatores que contribuem para a degradação, como estradas, fogo e madeiras, além de reportagens que abordam os problemas.

Como a biodiversidade foi medida

Os dados vêm de um estudo publicado em junho de 2016 na revista “Nature”. Chamado “Distúrbio antropogênico em florestas tropicais pode duplicar a perda de biodiversidade por desflorestamento” (<http://www.nature.com/nature/journal/v535/n7610/abs/nature18326.html>), ele criou um método de cálculo chamado “Déficit de Valor de Conservação”. Como é impossível acompanhar todas as espécies, como parâmetro foram utilizadas espécies de árvores, aves e besouros, contabilizadas em áreas de floresta intacta e comparadas com áreas degradadas.

O estudo coletou material em 381 pontos da floresta no Pará. Foram levadas em conta 1.538 espécies de plantas, 156 espécies de besouros e 460 espécies de aves ao todo. No total, 500 áreas privadas foram visitadas.

“Descobrimos que, apesar da degradação não ter impacto visual tão drástico [já que a floresta continua existindo], como ela ocorre na Amazônia inteira — até mesmo na unidade de conservação — o impacto para a biodiversidade é tão grande quanto o do desmatamento”

Joice Ferreira

Pesquisadora da Embrapa e uma das coordenadoras da Rede Amazônia Sustentável

VEJA TAMBÉM

EXPRESSO ([HTTPS://WWW.NEXOJORNAL.COM.BR/EXPRESSO/](https://www.nexojornal.com.br/expresso/)) **Por que Temer vetou a proposta de reduzir a proteção de florestas no Pará
(<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/06/19/Por-que-Temer-vetou-a-proposta-de-reduzir-a-prote%C3%A7%C3%A3o-de-florestas-no-Par%C3%A1>)**